

Serendipidades missionárias: Missionação, viagens a terras distantes e os primórdios da História Natural da Companhia de Jesus no século XVI – Das instruções epistolares iniciais à Carta de José de Anchieta de 1560 sobre a natureza de São Vicente

Missionary Serendipities: Missionation, trips to distant lands and the beginnings of the Natural History of the Society of Jesus in the 16th century – From the initial epistolary instructions to the 1560 Letter from José de Anchieta on the nature of São Vicente

Bruno Martins Boto Leite

Professor adjunto de História Moderna da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil

Doutor em History and Civilization pelo European University Institute, Itália
bruno.boto@ufrpe.br
<https://orcid.org/0000-0003-2307-4005>
<http://lattes.cnpq.br/3005775363936476>

Resumo: Analisaremos neste estudo o modo como os missionários da Companhia de Jesus descreveram em primeira mão a natureza das Índias orientais e ocidentais nas suas práticas epistolares e a importância que essas mesmas práticas tiveram na confecção de uma História Natural jesuíta. Isso levando em consideração o impacto de determinados projetos enciclopédicos europeus, e mais especialmente aquele formulado pelo Cardeal Marcello Cervini e seu círculo romano, que dirigiram e guiaram os missionários nessas novas atividades, apontando para um novo lugar das práticas missionárias na confecção do conhecimento científico na primeira metade do século XVI.

Palavras-chave: História da História Natural; História da Companhia de Jesus; História Moderna

Abstract: In this study, we will analyze the way in which the missionaries of the Society of Jesus described first-hand the nature of the East and West Indies in their epistolary practices and the importance that these same practices had in the creation of a Jesuit Natural History. This taking into account the impact of certain European encyclopedic projects, and more especially that formulated by Cardinal Marcello Cervini and his Roman circle, who directed and guided the missionaries in these new activities, pointing to a new place for missionary practices in the creation of scientific knowledge in the first half of the sixteenth-century.

Key-Words: History of Natural History; History of the Society of Jesus; Early-Modern History

Introdução

A atividade intelectual dos padres da Companhia de Jesus foi objeto de muitíssimos estudos¹. Os jesuítas, para além de missionários, confessores e pregadores, atuaram como professores em escolas, poetas, historiadores, filósofos, pensadores políticos, cientistas e teólogos. No presente estudo, pretendemos refletir sobre o surgimento de uma escrita da história natural da Companhia de Jesus no interior da escrita epistolar produzida pelos missionários situados no Ultramar.

Na esteira da importante coletânea de estudos sobre a história natural da Companhia de Jesus organizada por Luis Millones Figueroa e Domingo Ledezma (FIGUEROA, 2005), pretendemos avançar na reflexão ali aventada tratando de alguns aspectos negligenciados ou ao menos não aprofundados pelos dois autores. Nos textos ali contidos, apesar de adentrarem muito superficialmente em algumas temáticas missionárias e no estudo da história natural contida nas cartas dos padres, os autores deram preferência ao estudo das obras impressas de história natural da Companhia de Jesus sem refletir sobre os complexos processos de construção desse novo saber no interior da Ordem. Pretendemos, portanto, aqui, analisar mais detalhadamente o desenvolvimento da História Natural jesuítica no trâmite epistolar desde as primeiras missões nos espaços portugueses do Oriente e da América até a conhecida carta de Anchieta sobre a Natureza de São Vicente e as publicações de muitas dessas cartas nas coletâneas de 1552, 1558, 1559, 1562 e 1565².

¹ Para um apanhado geral para a atividade cultural da Companhia de Jesus, com certo destaque para a história da ciência, Cf. GIARD, Luce (Dir.) (1995). *Les jésuites à la Renaissance – Système éducatif et production du savoir*. Paris: PUF; O'MALLEY, John W.; BAILEY, Gauvin Alexander; HARRIS, Steven J.; KENNEDY, T. Frank (Org.). (2000) *The Jesuits – Cultures, Sciences, and the Arts, 1540-1773*. Toronto: University of Toronto Press.; O'MALLEY, John W.; BAILEY, Gauvin Alexander; HARRIS, Steven J.; KENNEDY, T. Frank (Org.). (2006) *The Jesuits II – Cultures, Sciences, and the Arts, 1540-1773*. Toronto: University of Toronto Press.; UDÍAS, Agustín. (2015) *Jesuit contribution to Science – A history*. Suíça: Springer.

² *Avvisi particolari delle Indie di Portogallo, ricevuti in questi doi anni del 1551 et 1552 da li reverendi padri de la compagnia de Jesu, dove fra molte cose mirabili si vede delli Paesi delle genti, & costumi loro et la grande conversione di molti populi che cominciano a ricevere il lume della santa fede & Relligione Christiana* (1552). Roma: Per Valerio Dorico & Luigi Fratelli Bressani; *Diversi avisi particolari dall'Indie di Portogallo, ricevuti dall'anno 1551. fino al 1558. dalli Reverendi padri della Compagnia di Giesu: Dove s'intende delli paesi, delle genti, & costumi loro, & la grande conuersione di molti populi, che hanno riceuuto il lume della santa sede, & religione Christiana. Tradotti nuovamente dalla lingua Spagnuola nella Italiana* (1558). Veneza: Michele Tramezzino; *Nuovi Avisi dell'Indie di Portogallo, ricevuti dalli Reverendi Padri della compagnia di Giesu, tradotti dalla lingua Spagnuola nell'Italiana* (1559). Veneza: Michele Tramezzino; *Nuovi Avisi dell'Indie di Portogallo, ricevuti dalli Reverendi Padri della compagnia di Giesu, tradotti dalla lingua Spagnuola nell'Italiana, Terza parte* (1562). Veneza: Michele Tramezzino; *Nuovi Avisi dell'Indie*

Para isso, teceremos inicialmente uma reflexão sobre os diferentes modos de se escrever a história na Companhia de Jesus, compreendendo a escrita de uma história natural em associação com esse esforço historiográfico mais amplo. Apontaremos para a presença, inicialmente muito superficial, de descrições sobre o céu, o clima, a geografia, os minerais, as plantas e os animais no epistolário mais antigo dos padres no Ultramar. Depois do que, trataremos das inusitadas instruções de coleta de informações propaladas pelos superiores da Ordem aos provinciais e missionários de Além-Mar por sugestão de um grupo destacado de estudiosos de história natural presentes na Cúria romana. Essas instruções, acreditamos, inauguravam uma nova fase na cultura científica dos padres: trazia para o cerne das práticas epistolares dos missionários a preocupação com determinados tipos de informação não tidas em conta pelos primeiros agentes e que se constituíram como o pontapé inicial para o surgimento de um novo conjunto de práticas científicas entre os jesuítas residentes em terras distantes do cenário europeu.

As instruções alinhavam a produção dos padres do outro lado do mundo aos projetos enciclopédicos e sistematizadores de naturalistas situados na Europa, e mais propriamente na Roma papal. Isso porque as instruções de que trataremos surgiram do empenho de alguns atores específicos envolvidos com debates médicos e naturalísticos os mais atualizados de seu tempo e interessados nas informações que poderiam obter com os missionários da Companhia de Jesus no Ultramar. Isso tudo alinhava as atividades missionárias com as atividades científicas as mais atuais no estudo da História Natural da época.

O produto dessas novas práticas, além disso, constituiu-se como elemento importante da história natural que se desenvolvia na Europa, ao contrário do que afirmam grande parte dos estudiosos da questão³. Isso porque, ao contrário do que muitos acreditam, o conteúdo de muitas dessas cartas circulou não só no interior da Ordem, como também *extramuros* pelas

di Portogallo, venuti novamente dalli R. padri della compagnia di Giesu, & tradotti dalla lingua Spagnuola nell'Italiana, Quarta parte (1565). Veneza: Michele Tramezzino.

³ A nova historiografia da ciência, produzida por europeus e norte-americanos, deslocou o eixo do debate, centralizado nos estudos físico-astronômicos (fiscalismo), para os estudos médico-naturalistas (ciências da vida). Esse deslocamento historiográfico mostrou-se bastante salutar no sentido de compreender o debate científico a partir de aspectos negligenciados pela historiografia tradicional. Contudo, apesar desse feito, o interesse pelos processos vividos pelos agentes ibéricos, como os jesuítas, mostrou-se assaz periférico. Cf. FINDLEN, 1994; JARDINE et al., 1996; FREEDBERG, 2002 e OGILVIE, 2006.

publicações de muitas dessas cartas traduzidas em língua vulgar nas décadas de 50 e 60 do século XVI⁴.

A historiografia da Companhia de Jesus

O lugar da escrita da história nas atividades culturais da Companhia de Jesus é objeto de alguns escritos importantes, como o estudo de John O'Malley sobre a historiografia antiga e recente da Ordem (O'MALLEY, 1999). Contudo, estes estudos trataram especialmente do aspecto referente à historiografia que os jesuítas esboçaram sobre si mesmos, sendo tal escrita, inicialmente encomiástica, e posteriormente crítica. Esses estudos deixaram de lado o fato de que muitíssimos padres foram responsáveis pela escrita de importantíssimas histórias, da natureza e dos homens, das diferentes, distantes e próximas geografias que visitaram e nelas atuaram.

É um fato que muitos padres da Companhia de Jesus devotaram-se à escrita da história de sua ordem e, para isso, mobilizaram muitas informações acerca da natureza e das relações humanas nos espaços onde os seus membros atuaram. Essas historiografias, como aquelas produzidas pelo padre Niccolò Orlandini, primeiro historiador da Ordem, que esboçou uma história geral da Companhia de Jesus, a *Historiæ Societatis Jesu prima pars*, que foi publicada em 1614 e reeditada em 1615, 1620 e 1621, sendo continuada pelos padres Francesco Sacchini, Petrus Possinus, Joseph de Jouvancy e Giulio Cesare Cordara, foram voltadas unicamente para a *historia rerum gestarum Societatis Iesu*. A sexta e última parte desta história narrou os feitos da Companhia até o ano de 1633 e foi publicada em Roma em 1758. Essa grande obra de história da Companhia de Jesus vinha, por outro lado, complementada e detalhada pelos muitos esforços de narrativa local contidas nas muitas crônicas de província, como aquela do padre Baltasar Teles, autor de uma *Crónica da Companhia de Jesus na Província de Portugal* em dois volumes

⁴ A importância da história natural da Companhia de Jesus foi posta em causa pela mordaz crítica feita pelo historiador equatoriano Jorge Cañizares-Esguerra à nova historiografia da ciência anglo-saxã que, apesar de lançar uma forte crítica ao fisicalismo, como dissemos, escanteou o lugar, a função e o papel dos projetos científicos ibéricos, como aquele da história natural do padre José de Acosta. Segundo ele, a insistência em ver Acosta somente como um historiador-antropólogo e não como um importante cientista do período é uma forma de persistência da *Leyenda negra* ainda nos dias de hoje. Assim sendo, acreditamos, como Cañizares-Esguerra, que a história natural de José de Acosta teve, de fato, uma dimensão muito maior para a cultura científica da época do que a historiografia atual tendeu a mostrar. E, na esteira dessa hipótese, acreditamos que a história de Acosta é o resultado de um longo processo cultural que se iniciou no empreendimento missionário da Companhia de Jesus como mostraremos a partir deste estudo. Cf. CAÑIZARES-ESGUERRA, 2004. Depois da crítica de Cañizares-Esguerra, outros poucos historiadores envolveram-se no projeto de estudar a história natural nos espaços ibéricos e ibero-americanos, observando a sua importância global. Cf. ASÚA, 2014; PRIETO, 2011; BARRERA-OSORIO, 2006.

(1645-1647), aquela do padre Simão de Vasconcelos, autor de uma *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brazil* (1663) e muitos outros. Essas crônicas locais serviram como relatos circunscritos bem como elemento auxiliar para essa história mais geral da Ordem.

Não é preciso dizer que o esforço dos jesuítas em narrar a sua própria história e disponibilizá-la em formato impresso em língua latina, com vistas a ser difundida em todo mundo europeu, tinha o claro objetivo de construir uma autoimagem da Companhia de Jesus que se antepunha às representações externas e contornava as possíveis críticas a ela ligadas. E para isso, a orientação presente nesses escritos tornava a história da Ordem, – uma história em verdade descontínua, recheada de polêmicas internas, brigas entre provinciais⁵ e outros processos – numa história linear, serena e harmônica em que os padres se mostravam sempre acordados internamente e na qual os inimigos da Companhia de Jesus nunca despontavam de seu interior.

Além desses esforços de historiografia apologética, é preciso lembrar da grande empresa de escrita da história dos Santos e Santas, encabeçada pelo padre Jean Bolland e seu assistente, o padre Godfrey Henschen. Uma empresa que nasceu da polêmica direta contra a historiografia protestante, avessa à salvação gradual dos homens que conduzia à santidade. Essa historiografia, conhecida por muitos autores como *Bolandista*, esteve na base do nascimento da historiografia diplomática do padre beneditino Jean Mabillon, autor do *De re diplomatica* (1707), que é tido por muitos como o pai da historiografia contemporânea. Esses historiadores contrariaram o antigo modo de escrever história e a necessidade de testemunhar diretamente os eventos narrados e inventaram métodos e técnicas de análise de processos históricos, fazendo da historiografia um saber *mediato* pelo estudo dos documentos e não mais um saber *imediato*, como o fora na época antiga e medieval. (POLMAN, 1932; POMIAN, 1999). Nesse processo, podemos também ressaltar a presença de filólogos, eruditos e antiquários da Companhia de Jesus, como foi o caso do padre Jean Hardouin, autor de uma obra de numismática, a *Nummi antiqui populorum et urbium illustrati* publicada em Paris em 1684, e de uma edição da História Natural de Plínio para o uso do Rei da França.

Esse investimento estava também ligado à prática católica da canonização dos santos, que além de autorizar e oficializar o culto de alguns santos entre as populações católicas, tinha a

⁵ Como a rusga ocorrida entre o Provincial do Brasil, Manuel da Nóbrega e o padre, e futuro provincial, Luís da Grã, de que falaremos em estudo futuro.

função de propagandear determinadas formas de vida religiosa entre essas populações. Esta prática estava também fortemente associada às reformas dos ritos empreendidas pelo Papa Urbano VIII em 1624 e à fundação da Congregação dos Ritos em Roma no ano de 1588, instituição que se incumbia de burocratizar o processo de canonização dos santos (GOTOR, 2004; WOODWARD, 1992).

Outrossim, muitos padres envolveram-se também no esforço de escrita da história de processos históricos mais amplos de um ponto de vista global e local. Alguns jesuítas escreveram histórias de continentes, países e/ou diferentes cidades das diferentes partes do mundo. Entre eles, podemos ressaltar os esforços de muitos padres que narraram a história do mundo (história geral ou universal) e de suas regiões particulares, como Horácio Torsellino, Antônio Possevino, Giovanni Pietro Maffei e Juan de Mariana. O Padre Horácio Torsellino escreveu uma história do mundo, desde a sua criação até o ano de 1589. A obra *Epitome historiarum a mundo condito ad ann. 1598*, publicado em Lyon em 1620 e depois continuada até o ano de 1658 pelos padres Carlo Carafa e Philippe Briet, era uma importante obra de história universal que posteriormente foi censurada pelos opositores da Ordem aquando de sua expulsão. O padre Antônio Possevino, autor da *Bibliotheca selecta*, obra enciclopédica de grande erudição, foi autor de uma obra sobre a cidade russa de Moscou, a *Moscovia*, publicada em Virna em 1586. O padre Giovanni Pietro Maffei foi autor de uma famosa obra sobre a Ásia portuguesa, a *Indicarum Historiarum libri XVI* publicada em latim em 1588 e posteriormente traduzida em várias línguas. O padre Juan de Mariana, grande pensador político, foi autor de uma obra sobre a história da Espanha, a *Historia de Rebus Hispaniae*, publicada inicialmente em 1592 e depois traduzida para o espanhol com o título *Historia General de España*, expandida e editada em 1601, 1605, 1616-17 e 1623. Mariana narra nessa obra a história da Espanha até o reinado de Filipe IV que se inicia em 1621.

Mas os esforços dos historiadores da Companhia de Jesus não param por aí. Para além das historiografias da Ordem, dos Santos e das diferentes sociedades humanas numa perspectiva universal e particular, os intelectuais da Ordem também se ocuparam em narrar e descrever a história da Natureza dos espaços onde os padres atuaram.

A história dessa prática historiográfica conta com figuras de ponta como os padres José de Acosta, Juan Eusebio Nieremberg e Athanasius Kircher. O padre José de Acosta, primeiro historiador natural da Companhia de Jesus, escreveu duas obras importantes sobre a natureza

das Índias: a *De natura novi orbis* publicada em Salamanca em 1588 trazia debates importantes sobre o céu, os ares e o clima do Vice-Reinado do Peru, e a *Historia natural y moral de las Indias* publicada em Sevilha em 1590 trazia em seu corpo a tradução castelhana da primeira obra complementando-a com informações sobre as rochas, as plantas e os animais da América hispânica. Essas obras foram *best-sellers* em seu tempo: a *Historia natural y moral de las Indias* foi vertida para o italiano, o francês, o holandês, o latim e o alemão entre a data de sua publicação e 1602, circulando muitíssimo entre os interessados na natureza do Novo Mundo.

O padre Juan Eusebio Nieremberg havia se tornado o primeiro professor de história natural do Colégio Imperial de Madrid e fora autor de uma importante obra do gênero, a *Historia naturae maxime peregrinae*, publicada na Antuérpia em 1635 e circulando muitíssimo entre os jesuítas interessados no tema. Seu esforço foi, acreditamos, fundamental para a formatação de práticas de estudo e escrita da História Natural no interior da Companhia de Jesus no século XVII. Por fim, o padre Athanasius Kircher, polímata barroco, foi um compilador de espécimes naturais provenientes das quatro partes do globo em seu *Musaeum Kircherianum* e autor de muitas obras científicas. Destaca-se entre elas, a obra *Arca Noë* publicada em Amsterdam em 1675 onde o padre fez um estudo sistemático da fauna existente e de sua dispersão no mundo a partir de pressupostos bíblicos, constituindo-se, talvez, como o primeiro tratado de biogeografia já escrito. O projeto enciclopédico do padre Kircher, acreditamos, vem na sequência das muitas práticas naturalísticas produzidas pelos membros da Ordem e configurou-se como o porta-voz de um paradigma naturalístico da Companhia de Jesus. Paradigma esse, que foi confrontado pelo importante projeto do naturalista toscano, Francesco Redi. O interesse de Redi ao tratar o projeto científico de Kircher como o alvo de sua crítica é um indício do lugar central ou pelo menos de importância que a cultura naturalística da Ordem tinha naquele período.

Contudo, essas produções representam um estágio avançado do desenvolvimento dos estudos de história natural na Companhia de Jesus. Inicialmente marcado pela produção de um padre como José de Acosta, que antes de ser um naturalista, havia sido missionário e provincial do Peru, a história natural da Companhia de Jesus se naturalizou como uma prática importante entre os jesuítas europeus. Mas sua história remonta no tempo e é anterior ao trabalho de Acosta.

Primeiramente, o interesse pelo estudo das coisas naturais emergiu de um contato direto com a natureza do ultramar pelos missionários. O problema do estudo direto da natureza

lhes foi posto de forma absolutamente inesperada, como uma descoberta fortuita de um problema que adivinha de estudos aprofundados pelos naturalistas europeus. No caso dos padres da Companhia de Jesus, o estudo da natureza foi absolutamente um caso de *serendipidade*⁶, na medida em que se desenvolveu fortuitamente e inesperadamente a partir de pedidos lançados aos missionários cuja função primeira era somente aquela de converter os povos intocados pela fé católica. E foi a partir desses pedidos, dessas encomendas, que os padres não só desenvolveram o seu interesse pelo estudo da natureza das terras desconhecidas pelos europeus, como a América, como também observaram a importância desses saberes para o próprio projeto missionário.

O nascimento da História Natural da Companhia de Jesus na atividade epistolar dos missionários no Ultramar

Nas primeiras viagens em que os jesuítas atuaram como missionários, inicialmente na Ásia e, então, na América, ambas ocorridas sob a Assistência de Portugal, os padres, apesar de se focarem na atividade missionária e nas práticas de conversão, dedicaram alguma atenção, ainda que inicialmente bastante superficial, ao estudo dos fenômenos da natureza nos espaços de ocupação e conquista. Contudo, essas informações eram assaz superficiais e genéricas, pouco orientadas pelos debates naturais europeus, como aquelas enviadas por Nóbrega no ano de 1549 ao doutor Martín de Azpilcueta Navarro, seu mestre em Coimbra, onde dizia o seguinte sobre a cidade de Salvador:

É muito salubre e de bons ares, de sorte que sendo muita a nossa gente e mui grandes fadigas, e mudando da alimentação com que se nutriam, são poucos os que enfermam e estes depressa se curam. A região é tão grande que, dizem, de tres partes em que se dividisse o mundo, ocuparia duas; é muito fresca e mais ou menos temperada, não se sentindo muito o calor do estio; tem muitos fructos de diversas qualidades e mui

⁶ É curioso notar que fora exatamente o editor veneziano das cartas jesuíticas, Michele Tramezzino, o responsável pela edição da obra do autor Cristoforo Armeno, *Peregrinaggio di tre giovani figliuoli del re di Serendippo*, narrativa persa que esteve na base da criação da noção de *Serendipidade* pelo historiador e antiquário inglês Horace Walpole em 1754. Para o historiador inglês, a noção de serendipidade vinha definida como uma “descoberta feliz não planejada”. Utilizamos aqui neste artigo a palavra em acordo com o significado conferido por Walpole, apontando para o fato de que a descoberta da atividade naturalista pelos jesuítas não estava em seus planos missionários iniciais, mas projetou-se da encomenda a eles feita pelos naturalistas romanos.

saborosos; no mar igualmente muito peixe e bom. Semilham os montes grandes jardins e pomares, que não me lembra ter visto panno de raz tão bello. Nos ditos montes ha animaes de muitas diversas feituraz, quaes nunca conheceu Plínio, nem delles deu noticia, e hervas de diferentes cheiros, muitas e diversas das de Hespanha; o que bem mostra a grandeza e belleza do Creador na tamanha variedade e belleza das creaturas. (NÓBREGA, 1988: 89-90)⁷

Apesar da superficialidade das informações, Nóbrega já fazia menção da presença em sua formação de determinadas leituras e obras essenciais para o desenvolvimento de seu interesse nas coisas naturais, como a *Naturalis Historia* de Plínio, o Velho. Tal autor e obra eram parte importante das leituras que todos os estudantes ibéricos, incluindo os jovens noviços jesuítas, faziam nas escolas propedêuticas, como naquelas da Companhia de Jesus de Coimbra, Lisboa e Évora⁸. E Nóbrega havia, muito provavelmente, estudado numa destas instituições para poder depois cursar direito canônico na Universidade de Coimbra, onde foi aluno de Martin Azpilcueta Navarro, remetente da carta mencionada⁹.

A disciplina de *Humanidades*, disciplina prática ligada ao currículo de gramática latina e ao desenvolvimento, posterior, das faculdades retóricas, era um meio pelo qual muitos jovens entravam em contato com as tradições da antiguidade clássica através do estudo das obras dos autores antigos. Numa pequena instrução anterior à *Ratio Studiorum* intitulada *Quais autores são necessários ao estudioso da Eloquência*, escrita em 1565 pelo padre Pedro Juan Perpiñán, professor do Colégio Romano e um dos formuladores dos currículos escolares da Ordem, se propunha que, para além dos autores fundamentais para o melhoramento da escrita dos estudantes, tais como Cícero, César, Salústio, Terêncio, Plauto, Lívio e outros, era necessário ler alguns autores de modo a adquirir maior erudição. Propunha-se ali a leitura de Cornélio Celso, para o estudo das doenças e das coisas médicas, de Vitruvius, para o estudo da arquitetura, de Vegécio, para o estudo da arte militar e, finalmente, de Plínio para o estudo da história natural (LUKACS, 1974: 640-643). Essa instrução, apesar de escrita em 1565, muito provavelmente

⁷ O negrito é nosso.

⁸ É dito que: *No século XVI, um dos escritores latinos mais populares, depois de Cícero e dos grandes poetas da época de Augusto, foi Plínio-o-Antigo, autor de Naturalis Historia.* (RAMALHO, 1997: 719)

⁹ Foi através da História Natural de Plínio, o Velho, que a filologia humanista se introduziu em Portugal: *Mas é sobretudo no Commentum in Plinij naturalis historiae prologum da autoria de Martinho de Figueiredo, impresso por Germão Galharde, que se insinuam em Portugal influências de uma filologia humanística com o magistério de Angelo Poliziano, do qual Martinho de Figueiredo, professor da Universidade de Lisboa, tinha sido discípulo.* (MARTINS, 1997: 235).

tirava suas orientações de práticas já frequentes e dos resultados delas obtidos nas escolas da Companhia.

Assim sendo, muitos jesuítas direcionados às missões já possuíam em sua formação leituras importantíssimas que foram fundamentais ao desenvolvimento de seu interesse para o conhecimento da medicina e da história natural do Novo Mundo. Cornélio Celso e Caio Plínio Segundo, dito *o Velho*, faziam parte dessas leituras que grande parte dos missionários que já tinham cursado as escolas propedêuticas ao ensino universitário levavam em sua consciência para as missões orientais e americanas. No caso americano, aqueles padres que não tiveram a sua formação nas escolas europeias, puderam ter a oportunidade de ler e acessar essas obras quando de sua formação nos colégios da região (LEITE, 2020). A obra de Plínio havia sido trazida para as Américas com a chegada dos primeiros colonos europeus e estava presente em muitas bibliotecas de escolas da América portuguesa.¹⁰

Além disso, os mais recentes estudos sobre a história natural da Companhia de Jesus apontaram para existência de algumas instruções advindas de Roma por volta da década de 1550 e que orientaram as descrições da natureza feitas pelos padres ao aportarem nos espaços missionários a partir de então. O primeiro desses estudos, contido na já mencionada obra de autoria de Luis Millones Figueroa e Domingo Ledezma, mencionou uma carta do padre Inácio de Loyola, fundador da Ordem, ao padre Gaspar Barzeu, missionário holandês em Goa e procurador de Francisco Xavier. Na carta em questão, enviada de Roma no dia 24 de fevereiro de 1554 ao destinatário em Goa, Loyola dizia que:

¹⁰ Na listagem das obras da Companhia de Jesus da Biblioteca do Colégio do Rio de Janeiro, publicada na Revista do IHGB de 1973, pode-se ler a menção a presença das obras de Plínio, o velho, naquela biblioteca. Estão ali registrados naquela lista: *Plinio Historia Natural hum tomo sento e sesenta reis (\$ 160)* e *Plinio hum jogo com dous tomos por trezentos e quarenta reis (\$ 340)*. (Auto, 1973: 240, 253) Quando descobrimos parte do acervo físico da biblioteca do Colégio da Companhia de Jesus do Rio de Janeiro em 2013, encontramos ali, no meio das obras raras, um exemplar da edição do mencionado Jean Hardouin da História Natural de Plínio, o velho. Eis as especificações do livro ali descoberto: *Caii Plinii Secundi Historiae Naturalis Libri XXXVII quos interpretatione et notis illustravit Joannes Harduinus e Societate Jesu, jussu regis christianissimi Ludovici Magni in usum serenissimi delphini. Editio nova emendatior & auctior*. Dois Tomos. Paris: Impensis Societatis, 1741. No frontispício da obra, encontra-se a marca de posse do Seminário de São José do Rio de Janeiro que foi ali fundado em 5 de setembro de 1739 e funcionou naquela cidade ao longo da segunda metade do século XVIII até hoje. Por não haver no frontispício da obra uma marca de posse da biblioteca do Colégio do Rio de Janeiro, não incluímos essa edição na lista que fizemos e publicamos das obras que restaram daquela biblioteca. Contudo, é muito provável que essa edição em dois tomos ali encontrada, sem marca de posse, seja aquela presente na lista produzida no século XVIII e publicada na revista do Instituto Histórico. Se não for esse o caso, a presença dessa obra na formação dos padres daquele seminário aponta ao menos para a continuidade do uso daquela tradição naturalista na formação literária da nobreza e do clero no século XVIII nas escolas luso americanas, para a existência de tradições científicas no cerne das formações literárias ali ofertadas. Para mais informações sobre a Biblioteca do Colégio Jesuítico do Rio de Janeiro situado na Biblioteca do Antigo Seminário de São José, onde encontramos a referida edição de Plínio, Cf. LEITE, 2014b.

Algunas personas principales, que en esta ciudad leen con mucha edificación suya las letras de las Indias, Suelen desear, y o piden diversas vezes, que se scriviessse algo de la cosmographia de las regiones donde andan los nuestros, come sería quán luengo[s] son los días de verano y de yvierno, quando comença el verano, si las sombras van sinistras, ó á la mano diestra. Finalmente, si otras cosas ay que parescan extraordinarias, se dé aviso, como de animales y plantas no conocidas, ó no in tal grandeza, etc. Y esta salsa, para el gusto de alguna curiosidad que suele haver en los hombres, no mala, puede venir, ó en las mesmas letras, ó en otras de aparte. (FIGUEROA, 2005: 13; LOYOLA, 1906: 357-359; LOYOLA, 1907a: 357-359)¹¹

No trecho destacado, é possível ver o interesse pelo conhecimento das coisas naturais do Novo Mundo e a nova instrução pedia explicitamente que o padre enviasse à Europa informações mais detalhadas a esse respeito. A instrução em questão, encomendada por *algunas personas principales*, conduzia o tipo específico de informação que deveria, desde então, ser recolhida pelos missionários.

Em outro estudo, mais voltado ao problema da demarcação do território luso-americano, a historiadora Heloisa Meireles Gesteira destacou uma carta enviada alguns meses antes daquela enviada a Barzeu, escrita pelo punho de Juan Alfonso de Polanco, secretário pessoal de Inácio de Loyola, e endereçada ao provincial do Brasil, o padre Manuel da Nóbrega. Na carta, escrita em Roma no dia 13 de agosto de 1553, Polanco dizia a Nóbrega que:

En las letras mostrables se dirá en quantas partes ay residentia de los de la Compania, cuántos ay en cada una, y en qué entienden, tocando lo que haze a edificación; asimesmo córao andan vestidos, de qué es su comer y beber, y las camas en que duermen, y qué costa haze cada uno dellos. También, quanto a la región donde está, en qué clima, a cuántos grados, qué venzindad tiene la tierra, como andan vestidos, qué cómen, etc. ; qué casas tienen, y cuántas, según se dize, y qué costumbres; quantos christianos puede aver, cuántos gentiles o moros; y finalmente, como a otros por curiosidad se scriven muy particulares informaciones, así se scrivan a nuestro Padre, porque mejor sepa como se ha de proveer; y tanbién satisfazerse ha a muchos senores principales, devotos, que querían se scriviessse algo de lo que he dicho. (GESTEIRA, 2014: 2; LOYOLA, 1907b: 519-520; Monumenta Brasiliae, 1956: 519-520)¹²

Em ambas as instruções, oriundas de Roma e dirigidas ao Brasil e à Goa, sublinha-se o interesse por informações mais detidas e específicas sobre a *região* (geografia descritiva), o *clima* (meteorologia), os animais (zoologia) e as plantas (botânica). Entretanto, nas duas cartas

¹¹ Negrito nosso

¹² Negrito nosso.

há um dado que a nosso ver figura-se importantíssimo e que passou despercebido pela leitura de Figueroa, Ledezma e Gesteira. Nas duas cartas mencionadas fala-se que essas informações são encomendadas por *senores principales* (carta de 1553) ou por *algunas personas principales* (carta de 1554).

Nas duas cartas se afirma explicitamente que a coleta dessas informações sobre a natureza do Novo Mundo era do interesse de “senhores romanos” que andavam na vizinhança da Companhia de Jesus e de seu prepósito-geral, Inácio de Loyola. Com base nessa informação, vasculhamos as cartas de Loyola aos missionários no Oriente e na América e descobrimos uma terceira carta do mesmo período, mais precisamente de 5 de julho de 1553, escrita por Inácio de Loyola e dirigida ao missionário Francisco Xavier. Nesta epístola, não somente vinha reafirmado o interesse pela descrição das coisas naturais pelos padres da Ordem em suas cartas como se explicitava um daqueles tais senhores romanos interessados nessas mesmas informações. Num trecho da carta em questão, é dito que:

El cardenal de Santa † y otros desean en las letras que de allá vienen alguna declaración del sitio en que se hallan a respecto del cielo, como el clima y grados, etc. Creo que no sean todos los de allá cosmógraphos; pero si quien scrive supiesse desto algo, podría desirse en una palabra, y si no en la mesma, en otra letra de por sí, por contentar a estos señores, que son in Domino muy aficionados a la Compañía y cosas de las Indias. (LOYOLA, 1907b: 164-165; Monumenta Indica, 1954: 7-8)¹³

Nesta carta, não só se explicita um desses *senhores*, o Cardeal de Santa Cruz, como também se fala de sua relação positiva com os jesuítas e de seu interesse nas coisas das Índias. O referido Cardeal de Santa Cruz mencionado por Loyola nesta carta é identificado numa nota da edição espanhola das cartas do fundador da Ordem como sendo o Cardeal Marcello Cervini, futuro papa Marcello II¹⁴. A presença de Cervini nas proximidades da Ordem merece uma reflexão mais detida com uma descrição de sua trajetória pessoal de modo a pôr o leitor em contato não somente com o personagem em questão, mas também, e sobretudo, com aquele ambiente romano interessado na história natural americana. Isso também de modo a conjecturarmos sobre quem poderiam ser os demais senhores interessados na história natural do Novo Mundo e ligados à atuação missionária da Companhia de Jesus.

¹³ Negrito nosso.

¹⁴ LOYOLA, 1907b: 165, nota 3.

Marcello Cervini, um Cardeal naturalista

Para esta reflexão, tivemos muita fortuna em nos depararmos com um detalhado estudo sobre a composição da biblioteca do Cardeal em questão feito pela italiana Paola Piacentini, onde se acham descritas algumas informações importantes sobre o personagem que merecem ser aqui reproduzidas (PIACENTINI, 2001).

A historiadora italiana descreveu o referido cardeal como uma das personalidades mais interessantes da primeira metade do Quinhentos: descendente de ancestrais cultos e nobres, envolvido desde pequeno na rivalidade entre Siena e Florença, figura de primeiro plano em todos os eventos de um período intenso e formado tanto na política quanto na religião (nos contrastes com os protestantes no Concílio de Trento às difíceis relações com os reinos da França e da Espanha), em contato com os principais personagens da época – humanistas, políticos, prelados –, interessado em programas culturais e editoriais, em suma, um *Multi-faceted, complex man*, como o define Hudon em sua obra fundamental sobre o cardeal sienense. (HUDON, 1992)

Imagem 1. Retrato de Marcello Cervini por Jacopino del Conte, c. 1550



Fonte: Galleria Borghese, Roma

A família de Marcello Cervini era originária de Montepulciano, cidade limítrofe entre Siena e Florença no final do Quatrocentos e início do Quinhentos. O pai de Marcello, Ricciardo, filho de Antonio Cervini e da nobre florentina Elisabetta Machiavelli, tinha estudado em Florença e em Siena e tinha conseguido um diploma em direito civil, interessando-se sobretudo pela astronomia. Autor de alguns opúsculos de carácter científico e bastante interessado em previsões astrológicas.

Em Montefano, perto de Macerata, de Ricciardo e Cassandra di Domenico Benci, no dia 6 de maio de 1501, pouco depois do meio-dia, nascia Giovanni Marcello. O pai, então, a partir de alguns cálculos astrológicos, havia previsto para ele uma brilhante carreira eclesiástica e desejava, por isso, lhe oferecer uma educação modelada segunda aquela dos grandes da antiguidade. Educação que compreendia o exercício físico e o conhecimento das artes liberais e das artes aplicadas.

Assim, o jovem completara seus primeiros estudos guiados por Ricciardo em sua propriedade de Castíglion d'Orcia. Então, com 18 anos, dirigiu-se a Siena para ali frequentar a universidade, seguindo cursos de carácter científico, mas apaixonando-se também, e sobretudo,

pelos *studia humanitatis* e pelo estudo da língua grega. Em Siena, teve a ocasião de se encontrar com algumas personalidades intelectuais e expoentes da vida cidadã, como o cardeal Giovanni Piccolomini, Alessandro Bichì, Bernardino di Antonio Bellanti, Roberto e Alessandro Puci, os Spannochi e Lattanzio Tolomei.

Depois dos estudos, Marcello ficou alguns meses nos fundos da propriedade do pai para ajudá-lo num momento em que este se achava doente e necessitado. Então, em 1524, partiu para Roma, voltando a Montepulciano somente de forma esporádica, com breves intervalos, entre o 1525 e 1534, para fugir da peste, dos desdobramentos do Saque¹⁵ e para se ocupar das coisas da família.

O seu intuito ao dirigir-se a Roma era o de ingressar na família de algum alto prelado, possivelmente culto e rico, com um cargo que o permitisse continuar seus estudos. A sua estadia romana também lhe foi útil para divulgar as pesquisas astrológicas de seu pai e as suas e para apresentar ao papa, à época Clemente VII, um opúsculo sobre a reforma do calendário que demonstrava algumas inexatidões sobre algumas previsões então feitas sobre uma carestia e desastroso dilúvio.

Uma carta de recomendação escrita por Alessandro Farnese, futuro Papa Paulo III, que o pai conhecera durante os anos de estudo em Florença e novamente encontrado em 1527 na ocasião de uma viagem do cardeal nas *Marcas*, região italiana próxima a Ancona, permitiu a Marcello entrar na família Farnese, à qual sempre ficou ligado, recebendo dela amizade e apoio. Dotado de um caráter prático e equilibrado e de uma sólida cultura, referência material e espiritual para muitos de seus contemporâneos (a ele dirigiam-se, em busca de conselhos, o próprio papa e outros grandes prelados, como Gian Matteo Giberti, Gaspar Contarini e Luigi Lippomano), Cervini teve também ocasião de conhecer os humanistas próximos da Cúria e de cultivar os seus interesses prediletos pelas letras latinas e gregas e pela história natural.

Foi amigo e correspondente, entre outros, de Pietro Bembo, Pier Vettori, Bernardino Maffei, Carlo Gualteruzzi, Benedetto Lampridio, Antonio Tebaldeo e Angelo Colocci. Foi da amizade direta com Pier Vettori que Cervini incrementou o seu interesse peculiar pela história natural: os dois haviam encorajado o trabalho de Ippolito Salviani, arquiteto do papa Júlio III,

¹⁵ Trata-se do episódio do *Saque de Roma* de 6 de maio de 1527. Evento marcado pela invasão e destruição de Roma pelas tropas rebeldes do Imperador Carlos V, insatisfeito com os acordos promulgados na Liga de Cognac (1526-1529) entre o Papado, a França, Milão, Veneza e Florença. O que afastou Roma de sua antiga forma imperial, aproximando-a à sua nova forma territorial moderna. Cf. PRODI, 2010.

sobre os peixes mediterrâneos, lhe procurando informações e ilustrações para o livro. Fala-se que Cervini adquiriu, junto ao núncio apostólico em Portugal, Pompeo Zambecari, alguns desenhos de peixes atlânticos para a obra de Salviani (DE WITTE, 1986: 706s). Além do que, o cardeal havia patrocinado diretamente a publicação da obra do médico. Como grande editor de obras eruditas que foi, a belíssima obra de Salviani, *Aquatilium animalium historiae*, foi publicada em Roma, um ano depois do cardeal ter encomendado as descrições da natureza americana aos jesuítas, em 1554, sendo custeada por Marcello Cervini (Imagem 2)¹⁶.

A obra vinha recheada de belíssimas ilustrações de peixes mediterrâneos e atlânticos. Além do que, Cervini falava longamente com Vettori em suas cartas sobre a história natural, buscando com o auxílio do humanista traçar correspondências entre os nomes latinos e italianos de peixes e aves da península. (MOUREN, 2004, p. 434)

Imagem 2: Frontispício do livro dos peixes do mediterrâneo com algumas imagens de peixes do atlântico escrito por Ippolito Salviani e patrocinado por Marcello Cervini

¹⁶ Em 1550, Cervini ordenou que fossem versados «delli denari della libreria a M^o Hipolito Salviani scudi 7 di moneta, quali li si danno per far stampare un libro di pesci che s'ha porre in Libreria Apostolica» [fundos da livraria ao Sr. Ippolito Salviani, precisamente 7 escudos, os quais se dão para fazer estampar um livro de peixes que se colocará na Livraria Apostólica.]. (DOREZ, 1892: 310)



Fonte: SALVIANI, Ippolito. *Aquatilium animalium historiae*. Roma: 1554.

O seu interesse pela história natural, sua relação com Vettori e Salviani, bem como seu lugar privilegiado de cardeal na Cúria romana fez de Cervini o centro de um círculo de naturalistas interessados na catalogação e descrição dos seres vivos italianos, europeus e globais. Foi desse círculo que, conjecturamos, saiu o interesse pela história natural oriental e americana e o gesto de pedir ao Geral da Ordem que enviasse aos missionários de além-mar uma instrução precisa para que estes descrevessem em maiores detalhes as coisas do Novo Mundo. Cervini, seu círculo de naturalistas e a história natural ali produzida ainda carece de um estudo mais detalhado e rigoroso que pretendemos futuramente elaborar.

Mas a sua história não para por aí. A sua intensa carreira eclesiástica e política fez dele tutor (1534) e posteriormente secretário do jovem neto de Paulo III, o cardeal Alessandro Farnese – a quem acompanhou nas legações junto a Carlos V e Francisco I (1538-40) –, protonotário (1538) e secretário do papa, fazendo dele cardeal com o título de Santa Cruz em Jerusalém (1539). Se viu, por sua vez, associado a representações diplomáticas na França, na

Espanha e em Flandres depois de ser chamado a Roma pelo cardeal Farnese (1540, 1543). Foi bispo ou administrador das sedes de Nicastro (1539-40), Reggio Emilia (1540-44), Gubbio (1544-55), nem sempre podendo residir nas dioceses pelos constantes encargos a ele votados por Gian Piero Caraffa, futuro Paulo IV, depois da eleição a Pontífice.

Todavia, o papel principal desempenhado por ele se deu na política do Estado da Igreja e nas questões religiosas, desde 1545, primeiramente em Trento depois em Bolonha, como legado de Paulo III no Concílio do qual foi em pratica um dos presidentes junto com o cardeal Reginald Pole (até 1546) e Giovanni Maria Ciocchi del Monte, futuro Júlio III. Em 1545 ou 1546, foi também membro do Tribunal da Inquisição romano, frequentemente em contraste com Gian Piero Carafa, de quem não aprovava os excessos que tinha às vezes o sabor de vingança pessoal. Foi defensor e apoiador de Inácio de Loyola e da Companhia de Jesus.

Foi nesse preciso contexto que o Cardeal de Santa Cruz se aproximou da ordem jesuítica e aproveitou-se de suas práticas peregrinas para pedir informações mais detidas e detalhadas do Novo Mundo para si e seu círculo de naturalistas em Roma.

Em 1548, foi convocado a Roma por Paulo III e nomeado, depois da morte de Agostino Steuco (1548), protetor e diretor da Biblioteca do Vaticano, da qual já se ocupava desde 1538. A partir de 1550, Marcello Cervini, ainda jovem, como podemos ver de um retrato daquele período pintado por Jacopino del Conte (Imagem 1), apresentou-se como o primeiro cardeal bibliotecário da história eclesiástica romana.

Finalmente, depois de um veloz conclave de quatro dias e três horas, não obstante a hostilidade destilada por Henri II de França e por Carlos V, tornou-se papa, com o nome de Marcello II, do 9 ao 30 de abril de 1555, data em que morreu de apoplexia. Foram três semanas durante as quais, não curando-se de suas fraquezas e de sua doença, buscou freneticamente, com a ajuda do secretário Angelo Massarelli, concluir o seu programa de reforma iniciado por encargo de Júlio III, da qual necessidade tomou consciência durante um terço de vida eclesiástica.

Culto humanista mais do que teólogo, no centro de um douto, amplo e desconhecido círculo de letrados e naturalistas, infatigável pesquisador de livros e manuscritos, diretor da Biblioteca Vaticana, ao contrário de muitos contemporâneos, Cervini não escreveu nada que não fosse associado à sua atividade político-religiosa, salvo algumas traduções e poesias juvenis.

No entanto, o vivo interesse pelos livros – buscados ou feitos buscar, comprados, feitos copiar e confiados à publicação – durante os estudos, no curso das legações etc., demonstrou um empenho profuso neste setor de sua atividade. A começar pela escrupulosidade com a qual exercitou o cargo de Cardeal Bibliotecário reordenando as coleções livrescas deixadas em uma desordem desastrosa desde a decenal regência de Agostino Steuco, adquirindo para a Biblioteca Vaticana novos textos, confiando ao cardeal Guglielmo Sirleto, futuro bibliotecário da Vaticana a partir de 1572, a confecção de um inventário dos manuscritos gregos e à Ferdinando Ruano a redação de um índice alfabético e de um catálogo dos fundos latinos, registrando precisamente as novas aquisições e as despesas necessárias e proibindo o empréstimos dos livros.

A orientação de Loyola e seu secretário Polanco nascia, portanto, como dissemos, do interesse pessoal e da sugestão do Cardeal bibliotecário, filho de pai astrólogo e profundamente interessado em história natural, Marcello Cervini, futuro papa Marcello II. Personagem que à época se encontrava às voltas com reflexões sobre nomenclatura zoológica e sistemas de classificação natural, com o estudo de peixes e pássaros e, muito possivelmente, com muitos outros projetos que ainda não foram trazidos à luz por estudos mais detidos sobre este personagem e seu círculo de intelectuais curiais. É muito provável que a enorme tabela de correspondências nomenclaturais dos peixes contida no livro de Ippolito Salviani tivesse alguma relação com os intensos debates travados entre Cervini e Vettori em suas cartas (Imagem 3).

Imagem 3: Tabela de correspondência dos nomes de peixes observados no mediterrâneo com aqueles mencionados nas obras de autores antigos contida no livro de Salviani

padres que, para além de se ocuparem da conversão dos autóctones, sua catequese, empenharam-se zelosamente em compreender a natureza do lugar em que estavam e em descrevê-la, seguindo a orientação do *círculo de Cervini*. É claro que o resultado dessas observações e descrições da natureza do Novo Mundo não resultaram somente na satisfação do projeto de Cervini e seus colegas Vettori e Salviani. Com a morte de Cervini em 1555 e a ascensão do novo papa Paulo IV, seu inimigo declarado, o grupo dos naturalistas perdia ser lugar e assento na Corte dos papas. Contudo, as novas informações advindas daquela orientação alimentaram a formação prática dos futuros missionários que precisavam, de antemão, conhecer o que os esperava nos mares, selvas e sertões das novas geografias para as quais se dirigiam.

A primeira relação inspirada pelas instruções que vem à mente é aquela advinda do Oriente e escrita pelo padre Luís Frois. A carta enviada aos padres e irmãos portugueses a partir de Malaca do dia 19 de novembro de 1556 trazia muitas informações sobre a natureza asiática. Um pequeno trecho deste documento pode servir para mostrar aos leitores a importância da atuação científica dos padres ao descrever a natureza desconhecida dos naturalistas europeus. Frois dizia que:

Tem estas terras, em que os nossos Irmãos andão, arroz, gengivres, e outros mantimentos, em que entra o mais comum de todos a que chamão sagu, o qual tirão de humas arvores grandes como palmeiras, mais groças algum tanto. (...) Há também nesta terra do Moro humas galinhas do mato, mais pequenas que as nossas, as quaes tem as cores como perdizes; põem ovos tão grandes ou maiores que de pata, he o mais delles hê gema. (...) Tem mais esta terra duas maneiras de cangrejos em grandíssima maneira diferentes, huns que tem as pernas como lagostas mas são muito maiores; tem huns buchos, cousa muito suave, e as femeas tem ovas. (Monumenta Indica, 1954: 522)

Depois dessa descrição, não podemos deixar de pensar na belíssima descrição da natureza de São Vicente produzida pelo engenho do padre José de Anchieta numa carta escrita em latim de São Vicente e enviada ao prepósito-geral Diogo Laynez em 1560 que na época estava em Roma (*Monumenta Brasiliae*, 1958: 202-236)¹⁷. Nesta carta, Anchieta fazia recurso de uma espantosa acuidade descritiva, apresentando as características de muitas rochas, plantas e animais vicentinos de uma maneira que lembra muito as descrições dos médicos e naturalistas europeus. É preciso atinar para o fato de que Anchieta chegou à Província do Brasil como Irmão coadjutor e encarregara-se do ofício de cirurgião. Anchieta servia-se, além disso, do

¹⁷ A versão portuguesa acha-se em ANCHIETA, 1988: 113-153.

conhecimento médico na conversão dos indígenas, de modo a passar-se por um conhecedor de práticas curativas e jogar sobre si a pecha de *caráiba* (EISENBERG, 2000).

Dito isto, é muito provável que Anchieta tenha tido, para além do conhecimento de algumas histórias naturais latinas em sua formação humanista, como a de Plínio, contato com leituras de textos e obras médicas em uso na época. Entretanto, não se pode negligenciar o fato de que as orientações contidas nas cartas de 1553 e 1554, bem como a notícia dos estudos de história natural pelo *Círculo de Cervini* em meados do XVI, tivessem chegado ao conhecimento do padre em questão e tivessem sido, por ele fartamente empregadas. Apesar de Anchieta não mencionar Cervini, Vettori ou Salviani em sua descrição, as instruções a ele passadas pela sugestão desses autores ligam-no diretamente a esse projeto cultural. E o produto da observação descrita naquele documento aponta para os rumos que aquela primeira orientação, aquela primeira instrução, havia tido sobre as atividades dos padres: mesmo depois da morte de Cervini e do eclipsar de seu círculo romano, os jesuítas mantiveram o interesse pelo estudo e descrição da natureza.

A circulação extramuros do conteúdo das cartas naturalísticas da Companhia de Jesus

Como dissemos, essas descrições alimentavam o interesse fechado de um círculo intelectual circunscrito em Roma. Contudo, sua recepção foi tão sentida na cultura do período que foi difícil para a Companhia de Jesus manter aquelas informações confinadas no interior da administração da Ordem. Ao contrário do que acreditávamos até agora, muitas daquelas cartas de história natural chegaram ao público europeu mais amplo, como foi o caso da mencionada carta de José de Anchieta sobre a natureza de São Vicente que chegou a ser traduzida (sua primeira versão é latina) e publicada numa coletânea de cartas dos missionários da Companhia de Jesus contendo novidades das terras distantes por onde passaram.

A publicização desses escritos era feita pela ação dos próprios superiores da Ordem, que selecionavam entre as *cartas edificantes* dos missionários aquelas que produzissem uma boa imagem da instituição, que impactassem pelo seu conteúdo e que edificassem os missionários que se formavam na Europa para depois dirigir-se às Índias. Essas coletâneas eram, portanto,

parte do projeto cultural e editorial da Companhia de Jesus e serviam profusamente na sua apologética e propaganda (FERRO, 1993). E não é preciso mencionar a importância que essas cartas tiveram na difusão de informações sobre os espaços de missão entre as populações europeias e na confecção dos indícios na base das muitas historiografias da Ordem, como aquela de Giovanni Pietro Maffei (CORREIA-AFONSO, 1955).

Além do que, as coletâneas epistolares da Companhia de Jesus tiveram a importante função de fazer daquele saber circunscrito administrativamente e situado *intramuros*, um saber aberto a todo tipo de leitor, do mais comum dos artesãos até o mais douto dos médicos e teólogos.

A primeira dessas coletâneas produzidas pela indústria dos Gerais da Ordem surgiu em Roma nos idos de 1552. Os editores Valerio Dorico e Luigi Fratelli Bressani publicaram naquele ano, às custas de M. Barista di Rosi Genouese, muitas cartas inéditas dos jesuítas da Assistência de Portugal sob o título de *Avisi Particolari delle Indie di Portogallo*. Contudo, o maior estouro editorial envolvendo a publicações de cartas administrativas da Companhia de Jesus ocorreu em Veneza na editora de Michele Tramezzino.

Tramezzino publicou muitas cartas e documentos da Companhia de Jesus em quatro tomos que parecem ter levado em consideração a publicação anterior de Dorico e Bressani tendo em vista que o título de sua coletânea trazia os adjetivos de *Diversi* e *Nuovi* para caracterizar a novidade de sua edição em relação àquela anterior. Os *Diversi Avisi particolari dall'Indie di Portogallo* publicados em Veneza no ano de 1558 e os *Nuovi Avisi dell'Indie di Portogallo* em três partes constituindo-se como a sequência dos *Diversi avisi* e comportando-se como as suas 2^a, 3^a e 4^a partes popularizaram muitas outras cartas edificantes produzidas pelos padres da Companhia de Jesus da Assistência de Portugal nas missões do Oriente e da América. As demais partes dessas coletâneas foram publicadas respectivamente nos anos de 1559, 1562 e 1565.

Imagem 4: Frontispícios da terceira parte dos *Nuovi Avisi* compilados pelos jesuítas e publicados em Veneza em 1562 onde se acha publicada a carta naturalística de José de Anchieta



Fonte: *Nuovi avisi dell'Indie di Portogallo*. Terceira parte. Veneza: Michele Tramezzino, 1562.

Essas coletâneas tornaram conhecidas ao mundo europeu, católico e protestante¹⁸, os perigos e as maravilhas encontradas pelos jesuítas portugueses em suas missões. Foram talvez os primeiros *relatos epistolares de viagem*. As cartas eram produzidas não somente por missionários, traziam também o espírito gestor de muitos reitores e sobretudo de alguns provinciais. E foi na terceira parte dos *Nuovi Avisi*, impressa em 1562, que se encontrou publicada pela primeira vez, e traduzida para o italiano, a já mencionada carta do padre José de Anchieta sobre o clima, as plantas e os animais de São Vicente. Ali, como dissemos, as orientações do círculo cerviniano ganhavam forma num relato que seria apropriado por muitos naturalistas do período, e, entre eles, talvez mesmo, o médico bolonhês Ulisse Aldrovandi.

¹⁸ Basta pensar nos inúmeros casos de interceptação de informações oriundas dos ambientes católicos por agentes protestantes: ingleses, holandeses, franceses e belgas. O que ocorria pela ação de piratas, espões, mercadores e outros agentes semelhantes. Casos exemplares são os de Theodor de Bry, Samuel Purchas e Jan Huygen van Linschoten.

Ao contrário do que muitos pensaram até então, a famosa carta de Anchieta não era uma *ilustre desconhecida* da cultura europeia do Quinhentos, antes já era ao menos muito conhecida na nobreza romana e sobretudo dos patrícios venezianos. Além do que é possível que ingleses, franceses e holandeses que na época não somente enviavam espiões para os espaços hispânicos, de modo a obter informações sobre as possessões ultramarinas ibéricas, mas também buscavam adquirir todo tipo de informação, manuscrita e impressa, do Ultramar português, tivessem notícia daqueles impressos. A carta em questão deve ter inspirado muitos missionários da Companhia de Jesus a fazerem como o espanhol e a coletar e descrever dados sobre a natureza do Novo Mundo. A partir de então, concretizava-se, “serendipicamente”, um novo costume na Ordem: o de produzir relatos que descrevessem o mundo natural visto diretamente pelos olhos dos missionários-viajantes.

As instruções volantes nas epístolas da Companhia e as muitas cartas que descreveram a história natural do Novo Mundo, muitas das quais ainda não foram devidamente reconhecidas e estudadas, devem ter, muito provavelmente, inspirado muitos padres, que, como José de Acosta, foram responsáveis não somente pela catequese de autóctones e pela organização das missões fora do espaço europeu, como também por descrever o clima, o céu, as rochas, as plantas, os animais e os monstros desses *novos* espaços. E isso para não falar da importância que essas práticas tiveram no alicerçar de uma atividade naturalística da Ordem, com o padre Juan Eusebio Nieremberg, professor do História Natural do Colégio de Madrid, e com o padre Athanasius Kircher, colecionador do Museu de História Natural do Colégio Romano.

É possível conjecturar que aquelas instruções emanadas do interesse dos *senhores principais* da corte romana tenham alimentado a produção de muitas descrições da natureza que, por sua vez, alimentaram muitas obras importantes não somente da Ordem, mas também de outros naturalistas católicos e não católicos.

Conclusão

A história natural da Companhia de Jesus surge como prática, portanto, do requerimento de intelectuais romanos interessados na natureza do Ultramar. A intenção dos padres ao se deslocarem pelas quatro partes do mundo não era, primordialmente, aquela de

estudar o mundo natural. Antes, seu ímpeto os levava para a conversão dos não católicos. Isso, contudo, não os impediu de descobrir, através do interesse de outrem, de sábios humanistas romanos, o interesse pelo conhecimento do clima, do céu, das rochas, das plantas e dos animais do mundo ultramarino.

A formação humanista dos membros da Ordem, formação essa tão ressaltada pelos historiadores católicos como o padre François de Dainville e o padre Leonel Franca, foi, de modo geral, decisiva na preparação histórica e literária dos jesuítas e, de modo particular, para o desenvolvimento de uma escrita da história natural própria da Companhia de Jesus (DAINVILLE, 1940; FRANCA, 1952).

É importante lembrar que os modelos que serviram a muitos médicos especialistas em história natural advieram, eles também, dos autores antigos. Aristóteles e seu discípulo Teofrasto escreveram cada um respectivamente uma *História dos Animais* e uma *História das Plantas*. Dioscórides havia narrado tanto as coisas da natureza – pedras, plantas e animais – como os elementos, os *simples*, na base da produção dos medicamentos. Plínio, o Velho, havia compilado numa grande história da natureza, a *Naturalis Historia*, todas as coisas naturais conhecidas no mundo romano. Sêneca havia ido pelo mesmo caminho em suas *Quaestiones naturales*. Eliano, na sua *Historia Animalium*, havia descrito muitos animais, etc. Todos esses autores, ou senão alguns deles, como era o caso de Plínio, estavam presentes, como dissemos, nos currículos de humanidades das escolas propedêuticas ao ensino universitário da Europa e muitos padres tiveram acesso a sua leitura, formando-se naquelas tradições. E isso, como foi mostrado, podemos ver naquela carta de Nóbrega em que se enuncia a referência à Plínio e sua história apontando para a novidade das coisas por ele vistas e nunca antes descritas pela tradição.

A formação humanista dos jesuítas lhes permitiu, desde o início de sua chegada no Oriente e na América, ver e descrever a natureza a partir de pressupostos modelares a partir dos quais desenvolveram um modo próprio de escrita da história natural e de descrição dos seres vivos. Contudo, passavam-se coisas importantes no outro lado do Atlântico. Na Europa romana, e não só, desde os grandes debates naturais de Ferrara, buscava-se confrontar as muitas tradições enciclopédicas antigas de modo a produzir novas tradições modernas que tirassem a compreensão das coisas da natureza de sua Babel originária, de sua diversidade de nomes e vocábulos. Como podemos ver do esforço do Círculo de Marcello Cervini de modo a

compreender e classificar os animais mediterrânicos, atlânticos e aqueles das Índias orientais e ocidentais.

O esforço de muitos naturalistas europeus no sentido de sistematizar o conhecimento da natureza pela sua catalogação passou, inicialmente, pelo esforço de confrontação das fontes naturalísticas clássicas entre si e, posteriormente, pelo estudo direto do mundo natural, como bem observou Brian Ogilvie (OGILVIE, 2006). O que não retirou do espectro de práticas desses atores modernos a remissão frequente às obras antigas¹⁹. A partir disso, como bem ilustrou o mencionado autor, os naturalistas passaram a acentuar a sua confiança mais na *autopsia* do que nos testemunhos clássicos. E, em função disso, buscaram, ao longo da segunda metade do século XVI, através de redes de troca de espécimes naturais fixados, viagens científicas, cultivo de plantas em jardins e criação de animais vivos em zoológicos, além da coleção de objetos naturais em pequenos gabinetes, conhecer pedras, plantas e animais observando-os diretamente, lendo o *livro aberto da natureza*, como bem sintetizou o astrônomo toscano, Galileu Galilei.

E nessa profusão de novas práticas científicas, a *peregrinatio academica* ou a prática de fazer viagens para o conhecimento da natureza passou a ser no século XVI uma nova forma de se escrever a História Natural. O mesmo Ogilvie argumentou ser a viagem de Conrad Gesner ao monte Pilatus na Suíça para a coleta de espécimes vegetais, viagem descrita em sua obra *De raris herbis* (1555), uma dessas primeiras práticas de viagens científicas (OGILVIE, 2006: 70). Contudo, como podemos constatar dos dados aqui expostos, descritos e analisados, viagens dessa natureza, ainda que não somente com essa única finalidade, vinham sendo feitas desde a década de 1540 pelos missionários jesuítas como Nóbrega, Gaspar Barzeu e muitos outros que ainda carecem de estudos mais detidos.

Entretanto, é entre os especialistas europeus como Gesner e Pierre Belon que a nova exigência de se viajar para estudar diretamente a natureza se tornou necessária (OGILVIE, 2006). E é em função disso, dessa nova exigência, que, como dissemos, desde 1553, Marcello Cervini e seu círculo de sábios composto por Pier Vettori e Ippolito Salviani, entre outros, se

¹⁹ É bem verdade que ainda que muitos autores argumentem, como o próprio Ogilvie e nós mesmos em outro artigo, que depois de alguns processos de crítica às autoridades científicas antigas a cultura moderna tenha se fundado essencialmente na observação direta e no experimentalismo, a organização dos antigos ainda tinha grande impacto na cultura ocidental. Os comentários e as análises das obras de autores como Aristóteles, Teofrasto, Plínio e Dioscórides ainda ficou na pauta dos naturalistas até finais do século XVIII, como podemos constatar do grande esforço de tradução da obra de Plínio pelo naturalista conservador francês Guillaume-Chrétien de Lamoignon de Malesherbes (1721-1794) que morreu decapitado pelos revolucionários franceses. Pretendemos futuramente revisitar a famosa disputa de Ferrara e analisar a importância da obra de Plínio durante o período moderno pelo estudo de seus muitos comentaristas.

dirigiram aos padres da Companhia de Jesus para que eles instruísem os missionários situados nas quatro partes do mundo fazendo-os descrever em detalhes mais rigorosos e precisos do que os dispostos até então a natureza desses lugares. O que orientou o surgimento de uma nova prática literária, a escrita da História Natural, no interior das práticas da Companhia de Jesus.

Dito isto, afirmamos que o que orientou o projeto naturalístico da Companhia de Jesus foi outro projeto surgido no seio da corte romana e que ainda carece de estudos mais detidos de modo a compreender a sua natureza, sua finalidade e seus desdobramentos. Projeto esse em estreito acordo com os pressupostos doutrinários das monarquias católicas, como aquela papal.

Foi a partir das práticas orientadas por essas instruções que os padres não somente coletaram mais informações sobre a Natureza do Novo Mundo, mas também desenvolveram um novo costume literário e científico que esteve na base das obras impressas de José de Acosta, Juan Eusebio Nieremberg e Athanasius Kircher.

Assim, foi a partir da empresa missionária e das práticas epistolares que surgiu a nova história natural da Companhia de Jesus. Uma história forjada em função da disseminação dos missionários ao redor do mundo e pela observação direta dos fenômenos naturais e dos seres vivos. Esse conhecimento, acreditamos, apesar de configurar-se como um descaminho da atividade missionária, foi útil nesta mesma atividade e só foi falseado pela mordaz crítica do experimentalismo de Francesco Redi (LEITE, 2014a).

Fontes

"Auto do inventário e avaliação dos livros achados no Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro e seqüestrados em 1775" (1973), *Revista do IHGB*, Vol. 301, out.-dez., p. 212-259.

Monumenta missionum Societatis Iesu, Vol. X, Missiones Occidentales, Monumenta Brasiliae, Tomo III (1958). Roma: Monumenta Historica Societatis Iesu.

Monumenta missionum Societatis Iesu, Vol. X, Missiones Occidentales, Monumenta Brasiliae, Tomo I (1956). Roma: Monumenta Historica Societatis Iesu.

Monumenta missionum Societatis Iesu, Vol. VI, Missiones Orientales, Documenta Indica, tomo III (1954). Roma: Apud Monumenta Historica Societatis Iesu.

ANCHIETA, José de (1988). *Cartas jesuítas 3 – Informações, fragmentos históricos e sermões*. Belo Horizonte: Itatiaia.

- LOYOLA, Inácio de (1907a). *Monumenta Ignatiana, ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta, Series prima, Sanctii Ignatii de Loyola Societatis Iesu Fundatores, Epistolae et Instructiones*. Tomo VI. Madrid: Typis Gabrielis Lopez del Horno.
- LOYOLA, Inácio de (1907b). *Monumenta Ignatiana, ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta, Series prima, Sanctii Ignatii de Loyola Societatis Iesu Fundatores, Epistolae et Instructiones*. Tomo V. Madrid: Typis Gabrielis Lopez del Horno.
- LOYOLA, Inácio de (1906). *Sancti Ignatii de Loyola Societatis Iesu fundatoris epistolae et instructiones. Tomus Sextus 1553–1554*. Madrid: Gabriel López del Horno.
- LUKACS, Ladislau (1974). *Monumenta paedagogica Societatis Iesu. II (1557-1572)*, Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu.
- NÓBREGA, Manuel da (1988). *Cartas jesuíticas 1: Cartas do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia.

Referências bibliográficas

- ASÚA, Miguel de (2014). *Science in the Vanished Arcadia – Knowledge of Nature in the Jesuit Missions of Paraguay and Río de la Plata*. Leiden: Brill.
- BARRERA-OSORIO, Antonio (2006). *Experiencing Nature – The spanish american empire and the early Scientific Revolution*. Austin: UTP.
- CANIZARES-ESGUERRA, J. (2004). “Iberian Science in the Renaissance: Ignored how much longer?” In: *Perspectives on Science*, v. 12, n. 1, p. 86–124.
- CORREIA-Afonso, John (1955). *Jesuit letters and Indian history. A study of the nature and development of the jesuit letters in India (1542-1773) and their value for Indian Historiography*. Prefácio de Georg Schurhammer, Bombay.
- DAINVILLE, François de (1940). *Les jésuites et l'éducation de la société française – La naissance de l'humanisme moderne*. Paris: Beauchesne et ses fils.
- DE WITTE, Ch. (1986). *La correspondance des premiers nonces permanents au Portugal: 1532-1553*, II, Lisboa.
- DOREZ, L. (1892). “Le cardinal Marcello Cervini et l'imprimerie à Rome (1539-50)”, in: *Mélanges d'archéologie et d'histoire de l'École française de Rome*, 12, pp. 289-313.
- EISENBERG, José (2000). *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: Encontros Culturais, Aventuras Teóricas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- FERRO, João Pedro (1993). “A epistolografia no quotidiano dos missionários jesuítas nos séculos XVI e XVII”. In: *Lusitania Sacra*, 2ª série, 5, pp. 137-158.
- FIGUEROA, Luis Millones & LEDEZMA, Domingo (org.) (2005). *El saber de los jesuítas, historias naturales y el Nuevo Mundo*. Madrid: Iberoamericana.
- FINDLEN, Paula (1994). *Possessing Nature: Museums, Collecting, and Scientific Culture in Early Modern Italy*. California: University of California Press.
- FRANCA, Leonel (1952). *O método pedagógico dos jesuítas: o “Ratio Studiorum”: Introdução e Tradução*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora.
- FREEDBERG, David (2002). *The eye of the Lynx – Galileo his friends, and the beginnings of modern natural history*. Chicago: University of Chicago Press.

- GESTEIRA, Heloisa (2014). “Descrições da América: História Natural, circulação de ideias e a formação territorial do Brasil (séculos XVI ao XVIII)” In: *Intellèctus*, Ano XIII, n. 2, pp. 1-30.
- GOTOR, Miguel (2004). *Chiesa e Santità nell'Italia Moderna*. Roma: Editori Laterza.
- HUDON, W. V. (1992). *Marcello Cervini and the Ecclesiastical Government in Tridentine Italy*. Illinois: Northern Illinois University Press.
- JARDINE, N.; SECORD, J. A.; SPARY, E. C. (Orgs.) (1996). *Cultures of Natural History*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LEITE, Bruno Martins Boto (2020). “Fábrica de intelectuais - O ensino de Artes nos Colégios jesuíticos do Brasil, 1572-1759”. *HISTÓRIA UNISINOS*, v. 24, pp. 21-33.
- LEITE, Bruno Martins Boto (2014a). “Animalia exotica et mirabilia - Os animais brasileiros na cultura europeia da época moderna de Thevet a Redi”. In: KURY, Lorelai Brilhante. (Org.). *Representações da fauna no Brasil séculos XVI - XX*. 1ed. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, v. 1, pp. 40-81.
- LEITE, Bruno Martins Boto (2014b). “A biblioteca do antigo Colégio dos Jesuítas no Rio de Janeiro. Inventário das obras que restaram”. *ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL*, v. 130, pp. 255-289.
- MARTINS, José Vitorino de Pina(1997). “Humanismo (1487-1537)”. In: *História da Universidade em Portugal*. I Volume, Tomo I (1290-1536). Coimbra: Universidade de Coimbra/Fundação Calouste Gulbenkian.
- MOUREN, Raphaële (2004). “La lecture assidue des classiques: Marcello Cervini et Piero Vettori”. In: *Humanisme et Église en Italie et en France méridionale (XVe siècle – milieu du XVIe siècle)*. Roma: École Française de Rome, pp. 433-463.
- OGILVIE, Brian W. (2006). *The Science of Describing – Natural History in Renaissance Europe*. Chicago: UCP.
- O’MALLEY, John (1999). “The historiography of the Society of Jesus: Where does it stand today?”. In: John O’Malley et alii (eds.). *The Jesuits: cultures, sciences, and the arts, 1540-1773*. Toronto: University of Toronto Press, pp. 3-37.
- PIACENTINI, Paola (2001). *La biblioteca di Marcello II Cervini – Una ricostruzione dalle carte di Jeanne Bignami Odier – I libri a stampa*. Cidade do Vaticano: Biblioteca Apostolica do Vaticano.
- PRIETO, Andres I. (2011). *Missionary Scientists – Jesuit Science in Spanish South America, 1570–1810*. Nashville: VUP.
- PRODI, Paolo (2010). *El soberano pontífice - Un cuerpo y dos almas: la monarquía papal en la primera Edad Moderna*. Madrid: Akal.
- RAMALHO, Américo da Costa. (1997). “O Humanismo (Depois de 1537)” In: *História da Universidade em Portugal* I Volume, Tomo II (1537-1771). Coimbra: Universidade de Coimbra/Fundação Calouste Gulbenkian.
- WOODWARD, K. L. (1992). *A Fábrica de Santos*. São Paulo: Siciliano.